

A REGÊNCIA DO VERBO *IR* DE MOVIMENTO POR FALANTES CULTOS DE FORTALEZA - CE: RELAÇÃO ENTRE ENSINO E PESQUISA

THE VALENCE OF THE VERB *TO GO* INDICATING DISPLACEMENT BY EDUCATED SPEAKERS FROM FORTALEZA - CE: THE RELATION BETWEEN TEACHING AND RESEARCH

Regina Cláudia Pinheiro *

Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, Ceará, Brasil

Resumo: Este artigo objetiva descrever e analisar o uso das variantes linguísticas da regência do verbo *ir* de movimento utilizadas por falantes do português oral culto de Fortaleza - CE, bem como verificar quais fatores condicionam sua utilização, traçando um paralelo entre os resultados da pesquisa e as orientações contidas nos manuais de ensino. Para tanto, fizemos incursões em manuais didáticos e analisamos pesquisas realizadas sobre o assunto. Lançamos mão, também, dos pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística Variacionista (LABOV, 2003 e 2008; CAMACHO, 2001) e utilizamos o programa estatístico VARBRUL, a fim de saber quais preposições são utilizadas pelos falantes cultos de Fortaleza - CE e os fatores linguísticos e/ou extralinguísticos que condicionam esse uso, utilizando o corpus PORCUFORT (Português Oral Culto de Fortaleza). Os resultados comprovaram que o fator tempo de permanência condiciona a preposição *para*. O referido fator também condiciona o uso das preposições *a* e *em* quando o tempo de permanência no lugar é menor. Além disso, mostraram que os fatores tempo verbal (pretérito) e idade (de 25 a 40 anos) condicionam o uso de *a* e *em*, respectivamente. Concluímos que os manuais de ensino citados, com o intuito de desenvolver a norma culta padrão, desconsideram a realidade dos falantes.

Palavras-chave: Sociolinguística variacionista; Regência do verbo *ir* de movimento; Gramática; Ensino; Pesquisa.

Abstract: *This paper aims at describing and analyzing the use of linguistic variants of the verb valence to go, indicating displacement, used by educated speakers of the Portuguese language from Fortaleza - CE. Besides that, we will verify which factors influence this use, drawing a parallel between the research results and some textbook guidelines. For this, we searched for textbooks and analyzed researches about this issue. We are grounded on the theoretical and methodological assumptions of the Variationist Sociolinguistics. In order to know which prepositions are used by the educated speakers of Fortaleza - CE and the linguistic and/or extralinguistic factors that influence this phenomenon, we used the statistical program VARBRUL. The corpus analyzed in this paper is part of PORCUFORT (Educated Oral Portuguese of Fortaleza). The results prove that the factor longer permanency time influences the preposition para. The mentioned factor also influences the use of the prepositions a and em when the permanency time is smaller. Moreover, they showed that the factors verbal time (past) and age (from 25 to 40 years) influence the use of a and em, respectively. We concluded that the mentioned textbooks, in order to develop the standard pattern of the language, disregard the reality of speakers.*

Keywords: *Variationist Sociolinguistics; Valence of the Verb to go Indicating Displacement; Grammar; Teaching; Research.*

* Professora doutora da Universidade Estadual do Ceará – UECE, Fortaleza, Ceará, Brasil; trabalho financiado pela FUNCAP; rclaudiap@yahoo.com.br

Introdução

As pesquisas sociolinguísticas contribuem para que sejam compreendidos e respeitados os diversos falares por todas as camadas sociais e, principalmente, pelas instituições de ensino. Esses estudos também possibilitam constatar as mudanças ocorridas na língua, como, por exemplo, o uso da regência de alguns verbos, dentre eles, o verbo *ir* de movimento. Este artigo, tomando como base os pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística Variacionista, sistematiza as variações da regência do verbo *ir* de movimento¹ utilizadas por falantes do português oral culto de Fortaleza - CE e os fatores que condicionam tal uso. Além disso, procuramos relacionar os resultados deste trabalho ao que preconizam alguns manuais didáticos sobre o assunto.

Para atingir os objetivos citados acima, inicialmente, explicitamos aspectos relacionados à base teórica da Sociolinguística Variacionista, fundamentando-nos em Camacho (2001) e Labov (2003; 2008), entre outros autores. Em seguida, focalizando nosso objeto de estudo, procuramos estabelecer uma relação entre o ensino e a pesquisa, no que concerne ao verbo *ir* de movimento e sua regência, a fim de apresentarmos lacunas deixadas pelos manuais² utilizados nas instituições escolares que orientam para o uso de regras prescritivas sem considerar as normas sociais estabelecidas pelos falantes da língua em uso. Após essas discussões, detalharemos a metodologia estabelecida para esta pesquisa, na qual utilizamos o programa estatístico VARBRUL para relacionar as variáveis dependentes (regência do verbo *ir* de movimento representada pelas preposições *a*, *para*, *em* e *até*) e independentes (fatores linguísticos e extralinguísticos que condicionam o uso de cada uma das preposições). Em seguida, apresentaremos os resultados considerados estatisticamente relevantes, tentando explicar qualitativamente, na forma de hipóteses, a justificativa para o uso das preposições mais utilizadas. Finalmente, retomando a essência do trabalho, elucidaremos as considerações finais e as referências que deram suporte para este estudo.

¹ Salientamos que este artigo trata somente da transitividade indireta do verbo em questão, desconsiderando os casos em que ele aparece sem complemento ou com complemento direto.

² Nesta pesquisa, estamos considerando gramáticas, dicionários e livros didáticos como manuais de ensino. Nossa intenção inicial era traçar um paralelo das pesquisas somente com gramáticas normativas. No entanto, ao pesquisarmos em algumas delas, verificamos que não havia referências à regência do verbo *ir* de movimento, o que nos suscitou a ampliar o leque para dicionários e livros didáticos.

1 Sociolinguística variacionista

Os estudos Sociolinguísticos, empreendidos por Labov, observam variações nos mais diversos níveis do sistema linguístico, admitindo que, ao estudar os fenômenos da língua, “é necessário recorrer às variações derivadas do contexto social para encontrar respostas para os problemas que emergem da variação inerente ao sistema linguístico” (CAMACHO, 2001, p. 50). Desse modo, os estudos de Sociolinguística Variacionista ou Laboviana têm por objetivo

descrever a variação e a mudança linguística, que leva em conta o contexto social de produção, observando o uso da língua dentro da comunidade de fala¹³, e utilizando um método de análise quantitativa dos dados obtidos a partir da fala espontânea (na medida em que isso é possível) dos indivíduos (WIEDEMER, 2008, p. 22).

Tendo em vista essa variação observada em todas as línguas, Labov (2003) afirma que a heterogeneidade é um dos princípios inerentes ao sistema linguístico, concebendo sua análise a partir de um conjunto de formas que se manifestam em diferentes contextos sociais. Porém, essa heterogeneidade não é arbitrária nem irregular e também não transforma a língua em um sistema caótico: ela é condicionada por fatores linguísticos ou extralinguísticos. Prova disso é o fato de os falantes de uma mesma língua se entenderem plenamente, mesmo em países com uma grande diversidade de falares regionais, como é o caso do Brasil. Assim, as pesquisas da Sociolinguística, cujo objetivo é “descrever e entender as estruturas linguísticas em uso, bem como todas as suas inter-relações com os aspectos sociais e linguísticos, estruturais e funcionais” (REIS, 2003, p. 89), comprovam essa realidade, conforme veremos na análise dos dados encontrados neste artigo com relação à regência do verbo *ir* de movimento, usado por falantes cultos de Fortaleza - CE.

Em todos os níveis do sistema linguístico, podemos encontrar variações que, segundo Labov (2003), podem ocorrer inclusive na fala de um mesmo indivíduo, pois, dependendo do contexto de uso, ele muda sua forma de dizer, conforme as redes sociais (família, universidade, amigos) e relações de poder. Porém, muitas variações encontradas na língua não implicam mudança linguística, podendo duas ou mais formas concorrer para uma mesma função. Tem-se, então, uma variável (função) e suas variantes (formas utilizadas pelos falantes para designar aquela função). Tomemos, como exemplo, o objeto de estudo deste trabalho: a regência do verbo *ir* de movimento, que é a função, sendo, portanto, a variável, e suas formas variantes, que são as preposições *a*, *para*, *em* e *até*. As mudanças ocorridas na língua, no entanto,

decorrem de um confronto, durante algum tempo, entre formas variantes concorrentes, em que uma se estabelece como padrão único para designar aquela função.

2 A regência do verbo *ir* de movimento: o que dizem as pesquisas

O verbo *ir* de movimento, na fala de uma grande parte dos brasileiros, é regido pelas preposições *a*, *para*, *em* e *até*. Pesquisas têm demonstrado o uso dessas variantes, bem como o fato de que há um declínio na seleção da preposição *a* em detrimento de *para* e *em*.

Mollica (1996 a e b), considerando apenas os casos em que o verbo *ir* expressa movimento e possui complemento circunstancial representado por sintagma preposicionado, verifica, por meio do *Corpus Censo*³, fatores que condicionam o uso das variantes *a* e *para* (padrão) em comparação com a variante não-padrão *em*. Sua pesquisa, realizada com falantes do Rio de Janeiro, testou variáveis linguísticas e sociais. A primeira variável linguística selecionada pela autora foi a configuração do espaço do nome locativo⁴, representado pelos traços [+ fechado] e [- fechado]. Sobre essa variável, os resultados demonstraram que, quando o espaço relacionado ao núcleo de sintagma preposicionado do verbo *ir* de movimento possui o traço [- fechado], favorece as preposições *a* e *para*. No entanto, quando esse traço é [+ fechado], a preposição *em* tem mais chance de ocorrer (p. 157). Essa variável também foi testada por Costa (2003) que encontrou os mesmos resultados⁵. No entanto, os estudos de Wiedemer (2008) comprovaram que o traço [- fechado] está relacionado à preposição *para* e [+ fechado] condiciona o uso de *a* e *em*. Outra variável linguística considerada por Mollica é o grau de definitude do nome locativo que favorece o uso de *em* quando o nome locativo é [+ definido] e a utilização das preposições *a* e *para* quando esse traço é [- definido].

³ O *Corpus Censo* constitui-se de textos transcritos de entrevistas com 64 falantes do município do Rio de Janeiro, sendo 48 adultos e 16 crianças. A amostra “objetivava estudar a correlação entre fenômenos linguísticos e variáveis externas *estratificadas* (sexo, faixa etária e nível de escolarização) e variáveis externas *não estratificadas* (mercado ocupacional, mídia, sensibilidade linguística e renda)” (SILVA, 1996, p. 58).

⁴ Mollica (1996, pp. 155-156) considera a configuração do espaço como os “traços semânticos do nome locativo”. Assim, os locativos de traço [+ fechado] são aqueles que se configuram como “lugar cerrado, com uma entrada definida, com ou sem teto” e os de traço [- fechado] são os “que não preenchem tais quesitos”, os que exprimem lugar indefinido e/ou abstrato ou aqueles de difícil classificação.

⁵ Costa (2003) não utilizou um programa estatístico para validar seus dados, o que nos impossibilita saber se seus resultados são estatisticamente relevantes.

Com relação às variáveis sociais, Mollica constatou que foram estatisticamente relevantes à escolarização, a idade e a colocação no mercado ocupacional. A primeira variável constatou que os estudantes do 2º grau (Ensino Médio) favorecem mais o uso das variantes padrões *a* e *para* do que os 1º grau (Ensino Fundamental). Wiedemer (2008) também verificou que alunos do colegial (Ensino Médio) utilizam mais a preposição *a*, enquanto os estudantes do primário e ginásial (Ensino Fundamental I e II) favorecem o uso de *em*. Mollica (1996b) também testou a escolarização correlacionando-a ao sexo e verificou que as mulheres já no ginásio (Ensino Fundamental II) tendem a usar mais a variável padrão. Com relação à idade, foi descoberto que quanto mais alta a faixa etária dos falantes, mais se usa a escrita padrão, dados também confirmados por Wiedemer (2008). Quanto à colocação no mercado ocupacional que diz respeito à “correlação entre o tipo de atividade profissional desenvolvida por uma pessoa ao longo de sua vida e a necessidade do uso de formas linguísticas de prestígio” (SILVA, 1996, p. 64), quando a cotação foi considerada alta, houve uma maior tendência ao uso da norma padrão.

Também Costa (2003), utilizando textos⁶ orais, com informantes do ensino superior e oitava série, constatou que a preposição *para/pra* é a mais utilizada com o verbo *ir*, seguida da preposição *a*. Este estudo também verificou que a preposição *em*, que ficou em terceiro lugar, é muito pouco usada. No entanto, a autora comprovou que, em textos da Revista Veja, há um equilíbrio no uso das preposições *a* e *para (pra)* e não há nenhuma ocorrência da preposição *em*. A autora também pesquisou os traços [+ elevado] ou [- elevado] e constatou que a preposição *em* só é empregada com lugares do tipo [- elevado], porém *a* e *para* são utilizados com locativos que indicam traços [+ elevado] ou [- elevado].

Wiedemer (2008), diferentemente de Costa (2003) que só pesquisou variáveis associadas ao nome locativo, testou diversas variáveis linguísticas e extralinguísticas com base no *corpus* do banco de dados do projeto VARSUL⁷. Os resultados do autor comprovaram que

⁶ Os textos do estudo de Costa (2003) pertencem ao *Corpus Discurso & Gramática: a língua falada e escrita na cidade de Natal* que consta de textos orais e escritos, classificados pelo autor, como narrativos (narrativa de experiência pessoal, narrativa recontada e narrativa de opinião).

⁷ O Projeto VARSUL (Variação Linguística Urbana no Sul do Brasil) foi constituído para integrar quatro universidades do sul do país (UFPR, UFSC, UFRS e PUC-RS), integrando as falas de habitantes de 12 cidades, 4 em cada estado. No entanto, os dados de Wiedemer (2008) consideram somente as de Florianópolis, Blumenau e Chapecó.

há diferentes fenômenos atuando sobre a regência do verbo *ir* de movimento: (i) há um processo de mudança em andamento com recuo gradativo da preposição *a* (conforme atestado em estudos de caráter histórico) e concomitante expansão de uso das preposições *para* e *em*; (ii) há um processo de variação relativamente estável entre as preposições *para* e *em*; (iii) há um processo de generalização por especificação, com indicadores de contextos particularizados para as três preposições (WIEDEMER, 2008, p. 126).

Conforme podemos observar, diversos aspectos concorrem para as diferenças encontradas nos resultados das pesquisas, tais como grupo de fatores controlados pelos pesquisadores, cidade ou região dos falantes e período em que o *corpus* foi constituído.

3 A regência do verbo *ir* de movimento: os manuais de ensino

As gramáticas tradicionais são, geralmente, muito inflexíveis com relação à regência do verbo *ir* de movimento, considerando a preposição *a* como “correta” e admitindo, algumas vezes, a preposição *para*.

Nesse sentido, Infante (2001, p. 559) afirma que o verbo *ir* é intransitivo, sendo acompanhado, normalmente, por adjunto adverbial de lugar e que “na norma culta, as preposições usadas para indicar direção são *a* e *para*”. Para este autor, a preposição *em* deve ser usada para indicar tempo ou meio, como no seguinte exemplo: *Fui ao cinema no domingo*. Numa posição mais simplista que o autor anterior, Cereja e Magalhães (2003, p. 422), em seu livro didático utilizado em escolas públicas e particulares de Fortaleza - CE, afirmam que o verbo *ir*, assim como outros costumam suscitar dúvidas em sua regência e que “exige(m) a preposição *a* quando indica(m) lugar”.

Já Nicola e Infante (1997, p. 353), apesar de enfatizarem que estão apresentando o padrão culto da língua, afirmam que “o adjunto adverbial de lugar referente a esses verbos [chegar e *ir*] deve ser introduzido pela preposição *a*, reservando-se *em* para indicação de tempo ou meio”. Os gramáticos também declaram que a regência do verbo *ir* também pode ser introduzida por *para*, ressaltando que “*ir para algum lugar* enfatiza a direção, enquanto *ir a algum lugar* sugere também o retorno” [grifos dos autores]. Esses autores entram em contradição com os demais, pois deixam a entender que a preposição *em*, utilizada com o verbo *ir* de movimento, é considerada padrão culto.

Em uma obra mais contextualizada, Luft (1999) orienta como deve ser o uso das preposições e apresenta alguns esclarecimentos sobre esse uso na fala. Desse

modo, para o verbo *ir* de movimento como transitivo indireto, o pesquisador prescreve o uso das preposições “(de ...) *a*, *para*, *até* (a...)” e afirma que “no português brasileiro também ocorre *ir em*, sobretudo na fala (...), mesmo assim em linguagem culta formal, sobretudo escrita, recomenda-se *ir a* ou *para*” (p. 342). O referido autor, apesar de apresentar diferença entre *ir a* e *ir para*, esclarece que, “na fala brasileira, prevalece *para* (em qualquer dos dois sentidos) sobre o *a*, de pouco uso por falta de corpo fonético”.

Se observarmos os resultados das pesquisas e o que prescrevem os manuais didáticos, verificamos que alguns destes desconsideram a fala dos cidadãos, apresentando somente exemplos que justificam seus argumentos e prescrevendo regras que, muitas vezes, artificializam a língua, transformando o ensino em estudo desvinculado da realidade do aluno. Essas reflexões nos remetem a Camacho (2001, p. 68), segundo o qual, para a tradição pedagógica, “há uma e somente uma língua correta e eficaz a todos as circunstâncias de interação, que se define como norma”. É, portanto, dever das instituições de ensino, respeitando as formas de falar de seus alunos, promover estratégias adequadas para imergi-los nessa cultura, proporcionando ou simulando atividades em que a linguagem seja utilizada em situações reais, a fim de que possam compreender que a língua, dependendo do contexto de uso, assume um registro mais ou menos formal. Compreendemos, no entanto, que as gramáticas necessitam que as diferentes formas de falar passem por um processo de gramaticalização no qual uma variável ganha a concorrência com as demais e possa, desse modo, haver uma mudança na língua.

4 Metodologia

Ao observar a fala das pessoas, até de falantes cultos, em situações interacionais, temos percebido uma tendência ao uso de algumas variantes do verbo IR de movimento. Essa observação empírica nos incitou a investigar cientificamente e sistematizar o uso dessas variantes. Sendo assim, utilizamos os pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística Variacionista, que foi iniciada com os estudos de Labov (2008), com trabalhos relacionados à fonologia e, posteriormente, ampliados por diversos autores para outros níveis da língua. Para esse campo, a variação é controlada por regras sistemáticas, considerada como regra variável, que só pode existir se ocorrer num mesmo contexto e com o mesmo significado, e há fatores linguísticos ou extralinguísticos que condicionam cada variante. Assim, neste trabalho, a regra variável é a regência do verbo *ir* de movimento e as variantes são *a*, *para*/*pra*/*pa* e *em*.

Para atingirmos nosso objetivo, decidimos utilizar um *corpus* já constituído e coordenado pelo professor José Lemos Monteiro. Para tanto, debruçamo-nos sobre “o corpus identificado pelo siglóide PORCUFORT (Português Oral Culto de Fortaleza) [que] resultou de uma pesquisa levada a efeito na Universidade Estadual do Ceará, durante o biênio 1991-2” (MONTEIRO, s/d). Neste *corpus*, construído em Fortaleza, capital do estado do Ceará, todos os sujeitos possuem nível superior, critério utilizado para considerá-los falantes cultos, e são naturais da referida cidade. Coletamos um total de vinte entrevistas de uma hora, em média, nas quais encontramos cento e vinte e nove ocorrências do verbo *ir* de movimento, regido pelas preposições *a*, *para* (com variações em *pra* ou *pa*), *em* e *até*.

Definido o *corpus* da pesquisa, delimitamos os possíveis fatores condicionadores para a escolha da regência do verbo *ir* de movimento pelos falantes. Desse modo, consideramos o sexo e a idade dos sujeitos como fatores sociais, correlacionando-os da seguinte maneira: cinco informantes do sexo masculino com idade entre 25 e 40 anos; cinco informantes do sexo masculino com 41 anos ou mais; cinco informantes do sexo feminino com idade entre 25 e 40 anos; e cinco informantes do sexo feminino com 41 anos ou mais.

Além dos fatores sociais, estabelecemos, como fatores linguísticos, o tempo de ocorrência da situação, classificando-o em presente, pretérito, futuro e atemporal e o período de permanência no lugar⁸ indicado pelo verbo, usando os termos *maior* e *menor permanência*, com base nos esclarecimentos de Luft (1999).

A análise estatística dos dados encontrados nas entrevistas foi realizada com o suporte quantitativo do VARBRUL, programa muito utilizado na Sociolinguística Variacionista para “medir os efeitos de variáveis independentes sobre a variável dependente” (VOTRE, 1991). A fim de atingirmos nossos objetivos, realizamos quatro rodadas no programa para detectarmos os fatores condicionadores do uso das preposições (*a*, *para*, *em* e *até*) que regem o verbo *ir* de movimento empregado por falantes do português oral culto de Fortaleza - CE.

5 Análise dos dados

Antes de iniciarmos nossa apresentação sobre os fatores que condicionam o uso de cada preposição, apresentaremos um gráfico, a fim de visualizar o percentual de

⁸ Estamos usando a palavra *lugar* (Cf. LUFT, 1999) por falta de um termo mais genérico que contemple todas as ocorrências, pois encontramos, no *corpus* utilizado, falas do tipo “fui ao povo” nas quais não está expresso o termo locativo, mas podemos recuperá-lo se pensarmos que o falante está se referindo ao local onde o povo está.

uso de cada preposição. Nas seções subsequentes, não apresentamos considerações sobre a preposição *até* porque o programa VARBRUL não constatou nenhum fator que fosse estatisticamente relevante.

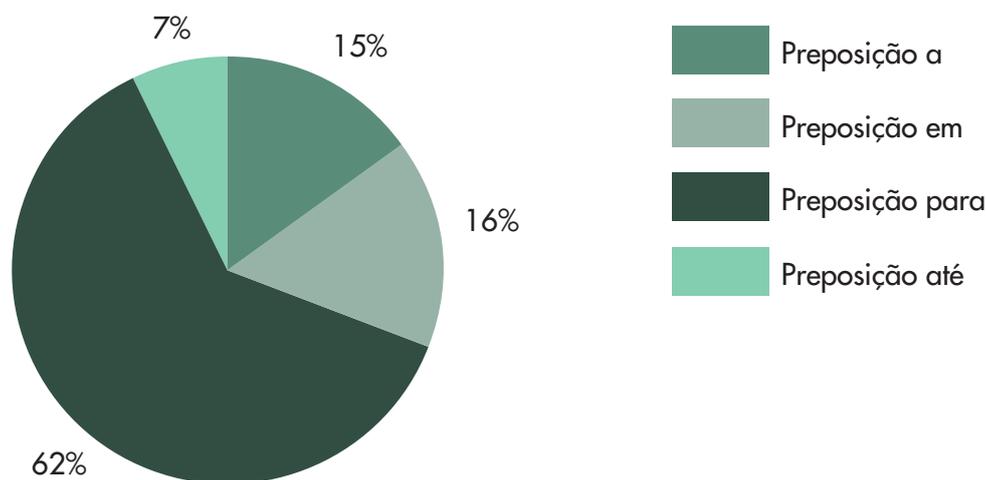


Gráfico 1: Uso de todas as preposições utilizadas com o verbo *ir* de movimento, coletadas no corpus.

O gráfico acima nos revela uma maior tendência para o uso de *para*, confirmando as informações apresentadas no estudo de Costa (2003) no qual essa preposição é mais empregada por falantes de ensino superior e de oitava série e nas modalidades falada e escrita. Podemos, ainda, perceber que a preposição *em*, condenada pela gramática tradicional, teve uma representatividade de 16%, concebida como elevada, visto que os falantes são considerados cultos e oriundos da maior cidade do estado do Ceará, a capital Fortaleza. É importante salientar esse fato, pois sabemos que nas grandes cidades circula mais material impresso com linguagem formal. Além do mais, essa tem a mesma representatividade da preposição *a*, cujo uso é prescrito nos manuais didáticos consultados neste trabalho (LUFT, 1999; INFANTE, 2001; CEREJA; MAGALHÃES, 2003; NICOLA; INFANTE, 1997). Esses dados confirmam as pesquisas de Wiedemer (2008) cuja produtividade da preposição *a* atingiu 15% em três cidades de Santa Catarina com informantes de nível de escolaridade primário, colegial e ginásial⁹.

⁹ Os níveis de escolaridade primário, colegial e ginásial correspondem respectivamente a ensino fundamental I, ensino fundamental II e ensino médio.

Os fatores que condicionam o uso da preposição *a* com o verbo *ir* de movimento

Nesta primeira rodada, o programa VARBRUL revelou que o tempo verbal e o período de permanência são fatores que condicionam o uso da preposição *a* com o verbo IR de movimento, como podemos perceber nas Tabelas 3 e 4. No primeiro grupo, precisamos amalgamar os tempos presente e atemporal, pois não houve nenhuma ocorrência em um desses tempos.

Tabela 3: Uso do verbo *ir* de movimento seguido de *a* em oposição a *para/em/até*, de acordo com o tempo de ocorrência da situação

FATORES	APLICAÇÃO / TOTAL	%	PESO RELATIVO
Atemporal / Presente	03/36	08	0,37
Pretérito	16/70	23	0,65
Futuro	01/23	04	0,26

A Tabela 3 nos revela que o pretérito tem maior influência sobre o uso da preposição *a* como regência do verbo *ir* de movimento, conforme podemos verificar no peso relativo de 0,65. Assim, percebemos que é mais comum encontrarmos a preposição *a* quando o verbo *ir* de movimento está no pretérito, pois, de um total de setenta ocorrências desse verbo no pretérito, dezesseis foram regidas por essa preposição. Com relação aos outros tempos, notamos que, das trinta e seis ocorrências do verbo no presente ou numa ocorrência atemporal, encontramos somente em três a mesma preposição. Da mesma forma, quando o verbo aparecia no futuro, o uso dessa preposição foi muito menos frequente. Wiedemer (2008, p. 99-100) também correlacionou o uso das preposições que regem o verbo *ir* de movimento com o tempo dos verbos, verificando, no entanto, que o passado é um fator que condiciona a seleção das preposições *a* e *para*. Para ele, “os resultados mostram uma distribuição complementar em relação às duas preposições, ou seja, *pretérito perfeito* atuando na seleção da preposição *a*, e *pretérito imperfeito* na seleção da preposição *para*”. Para esses casos, o autor levanta a seguinte hipótese:

o verbo *ir* deriva de três verbos latinos diferentes (*ire, vadere, fu-*), que foram reunidos em uma única forma verbal. Pode-se pensar que as preposições estariam apresentando uma regularização de uso associadas aos verbos de origem, com o uso da preposição *para* com o tempo verbal *pretérito imperfeito*, e da preposição

a com o tempo verbal *pretérito perfeito*. Porém, esse pensamento é apenas uma hipótese, e merece uma investigação mais profunda (*sic*).

O exemplo abaixo ilustra a tendência dos falantes de nossa pesquisa ao uso de *a* com o pretérito:

- (6) (...) aí fomos à::... San Paul em Nápoles... e... manter contato com a Global... fomos:: ao NFS em Nova York... (...) (Informante: Mulher– 41 anos ou mais)

A tabela seguinte apresenta os resultados referentes ao período de permanência, aspecto que também condicionou o uso da preposição *a* em oposição a *para*, *em* e *até*.

Tabela 4: Uso do verbo *ir* de movimento seguido de *a* em oposição a *para/em/até*, de acordo com o tempo de permanência

FATORES	APLICAÇÃO / TOTAL	%	PESO RELATIVO
Maior permanência	01/33	03	0,19
Menor permanência	19/96	20	0,62

Com relação à *maior* ou *menor permanência* no lugar direcionado pelo verbo *ir* de movimento e, confirmando as afirmações de Luft (1999), percebemos que, ao indicar uma menor permanência no local direcionado pelo verbo *ir* de movimento, a tendência é o uso da preposição *a*, como revela o peso relativo de 0,62 (Tabela 4). O referido autor afirma, conforme apresentamos anteriormente, que o pouco uso dessa preposição deve-se à “falta de corpo fonético”. Acreditamos, no entanto, que esse argumento pode estar relacionado ao tempo de permanência no local indicado pelo verbo. Assim, como veremos a seguir, para indicar uma maior permanência, o falante lança mão de uma preposição mais extensa (*para*) e, para indicar menor permanência, o informante utiliza *a* ou *em*, preposições de menor “corpo fonético”. Vejamos o seguinte exemplo:

- (9) (...) e eu fui a este congresso... (Informante: Mulher – 41 anos ou mais).

Concluimos, portanto, que somente fatores linguísticos (tempo pretérito e menor permanência no local indicado pelo verbo) condicionam o uso da preposição *a* no verbo *ir* de movimento por falantes cultos de Fortaleza - CE. Percebemos

também que a preposição *a*, terceira mais utilizada pelos falantes desta pesquisa, vem perdendo lugar para a preposição *para*, o que comprova a afirmação de Costa (2003, p. 51-52) de que “a gramática vem, aos poucos, flexibilizando-se, admitindo variações para o uso da preposição *a*. Dessa flexibilização vem a aceitação da preposição *para* como sendo de uso culto, embora pareça transparecer certa hierarquia, na qual *a* ainda seria a de maior prestígio”.

O fator que condiciona o uso da preposição *para* com o verbo *ir* de movimento

Com relação ao uso da preposição *para*, o programa considerou como estatisticamente relevante somente o grupo tempo de permanência no local indicado pelo verbo, conforme Tabela 5:

Tabela 5: Uso do verbo *ir* de movimento seguido de *para* em oposição a *a/em/até*, de acordo com o tempo de permanência.

FATORES	APLICAÇÃO / TOTAL	%	PESO RELATIVO
Maior permanência	30/33	91	0,86
Menor permanência	50/96	52	0,35

A maior permanência foi considerada como estatisticamente relevante, confirmando a explicação apresentada anteriormente. Assim, os falantes que indicam uma menor permanência usam a preposição *a* (Tabela 4) e utilizam *para*, a fim de indicar maior permanência, ratificando o argumento apresentado por Luft (1999) e as pesquisas de Mollica (1996). Sobre essa questão, reafirmamos a hipótese apresentada na análise anterior, sugerindo que o falante utiliza um termo mais extenso (*para*) quando a permanência no local é maior e uma preposição escrita com menos letras para indicar menor permanência. Essa hipótese está fundamentada no princípio da iconicidade, postulado por Givón (1994, p. 47), para quem “a noção mais atual é que a sintaxe da linguagem humana é não arbitrária, pelo contrário, ela é, de alguma forma, isomórfica”¹⁰. Esse princípio se baseia em alguns aspectos tais como a extensão das sentenças, como ocorre na hipótese postulada acima em

¹⁰ Nossa tradução para “the more current notion that the syntax of the human language is not arbitrary, but rather is somehow isomorphic”.

que uma maior quantidade de informação irá demandar mais código verbal, defendendo a não-arbitrariedade do signo linguístico.

Vejamos um exemplo que ilustra a tendência apresentada acima:

- (10) ele não PENsa... que:: daqui a::... dez ano/ vamo/ dizer assim... eles eles / tão de benGAla... eles /tão... NÉ?... mo/ vão moRRER... comé? vão vão p/o mesmo luGAR... (Informante: Homem – 25 a 40 anos)

Desse modo, assim como para a preposição *a*, também para a partícula *para* o fator linguístico *permanência no local indicado pelo verbo* foi responsável pelo uso dessa regência.

Os fatores que condicionam o uso da preposição *em* com o verbo *ir* de movimento

Com relação ao uso da preposição *em*, o programa detectou, como grupos estatisticamente relevantes que condicionam este uso, o período de permanência e a idade dos participantes. Vejamos as tabelas referentes a esses aspectos:

Tabela 6: Uso do verbo *ir* de movimento seguido de *em*, em oposição a *a/para/até*, de acordo com o tempo de permanência.

FATORES	APLICAÇÃO / TOTAL	%	PESO RELATIVO
Maior permanência	01/33	03	0,19
Menor permanência	19/96	20	0,62

Os resultados desta tabela foram semelhantes aos encontrados na rodada realizada com a preposição *a* sobre esse mesmo grupo de fatores. Nesse sentido, comparando as tabelas referentes ao grupo tempo de permanência, considerado estatisticamente relevante nas rodadas com as preposições *a*, *para* e *em*, perceberemos que há, no uso da preposição *para* (Tabela 5), uma oposição com relação às demais. Portanto, concluímos que, ao indicar maior permanência, a tendência é o uso de *para* e, para indicar menor permanência, os falantes lançam mão de *a* ou *em*, indiscriminadamente, estando, portanto, estas duas preposições em concorrência quando o período de permanência no lugar indicado pelo verbo *ir* de movimento for menor. Ratificamos a hipótese de que *para* é usado para maior permanência

por possuir mais “corpo fonético” e *a* e *em*, conseqüentemente, por serem vocábulos menores são usados para indicar menor permanência.

O exemplo a seguir ilustra a tendência ao uso de *em* nesses casos:

- (12) muitas vezes num tem o dinheiro pra pagar o ônibus ... pra ir no hospital ... se consultar e voltar né? (Informante Homem – Entre 25 e 40 anos)

A seguir, apresentamos a tabela de resultados referentes à idade dos falantes, único fator social estatisticamente relevante, que condicionou o uso da preposição *em* no verbo *ir* de movimento:

Tabela 7: Uso do verbo *ir* de movimento seguido de *em*, em oposição a *a/para/até*, de acordo com a idade dos falantes.

FATORES	APLICAÇÃO / TOTAL	%	PESO RELATIVO
De 25 a 40 anos	14/55	25	0,66
41 anos ou mais	06/74	08	0,38

Percebemos que o grupo de fator idade foi considerado estatisticamente significativo somente com a preposição *em*, o que nos faz levantar a hipótese de uma mudança em tempo aparente. Sendo essa preposição mais utilizada pelos jovens, podemos refutar a hipótese de Luft (1999, p. 342) ao afirmar que o uso dessa preposição “sobretudo na fala, (...) pode ser até sobrevivência da língua arcaica, herança da língua-mãe”, já que empregar termos arcaicos é prática comum dos mais velhos. Por verificarmos um fator social contribuindo para uma mudança linguística, concordamos, com Labov (2008, p. 21), ao declarar que “as pressões sociais estão operando continuamente sobre a língua, não de algum ponto remoto no passado, mas como uma força social imanente agindo no presente vivo”. Costa (2003, p. 50) também verificando o uso das variantes *para (pra)* e *em* para a preposição *a* afirma que

a variação é irrefutável e, conseqüentemente, a possibilidade de que esta progrida para gradualmente até uma mudança efetiva não pode ser ignorada, diante da consideração de que a gramaticalização começa com uma variante eventualmente utilizada que, com o tempo, expande-se a outros contextos e torna-se mais e mais frequente, podendo vir a substituir definitivamente a forma antes empregada.

Wiedemer (2008, p. 105), em estudo com falantes de Santa Catarina, constatou que a variável idade não foi estatisticamente relevante com a preposição *em*. Porém, percebeu que há “um leve aumento de uso dessa preposição conforme diminui a idade dos informantes”.

Constatamos, ainda, que o uso de *em* tem sido mais frequente em detrimento de *a* e *até*, como perceber observando as ocorrências desta preposição com faixa de informantes mais jovens, apresentada a seguir (gráfico 2), se comparamos aos dados que comprovam o podemos uso de todas as preposições.

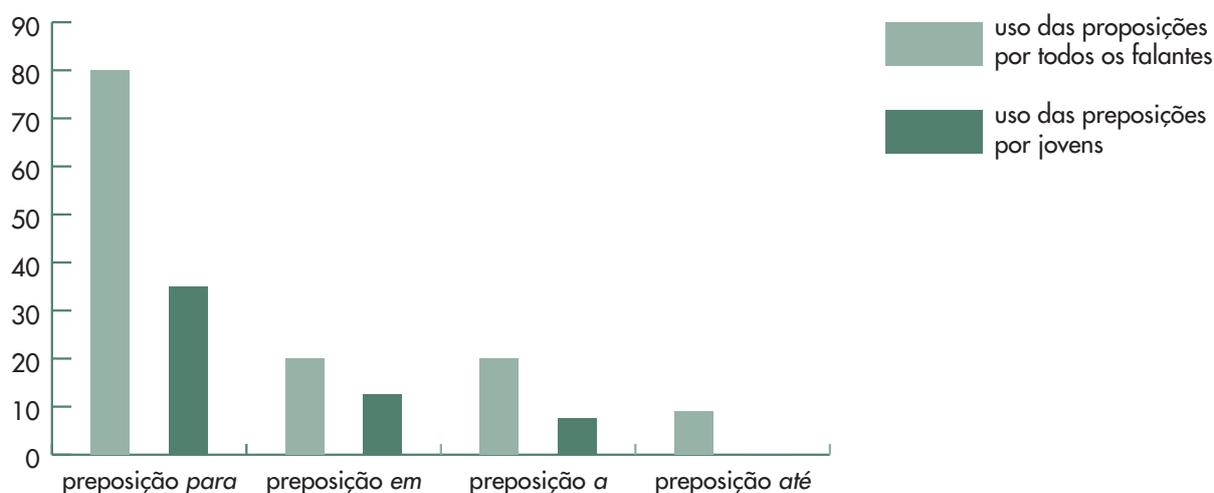


Gráfico 2: Uso das preposições por falantes mais jovens.

Visualizando o gráfico acima, percebemos que *em* e *a*, quando observamos o uso de todas as preposições (coluna clara), tiveram o mesmo número de ocorrências e a preposição *até*, apesar de poucas ocorrências, teve representatividade. Por outro lado, os jovens (representado pela coluna escura) não utilizaram *até*, diminuíram o uso de *a* e aumentaram o número de ocorrências de *em*. Desse modo, a preposição *em*, considerada pela gramática tradicional como uso “errado” com regência do verbo *ir* de movimento, tem encontrado mais adeptos na população mais jovem culta de Fortaleza - CE, como mostra o seguinte exemplo:

- (14) eu tenho que ir nem que seja assim... aLI na na naquela avenida tomar um sorvete... mas eu tenho que ir... {eu num consigo assim (Informante Mulher – Entre 25 e 40 anos).

Assim, percebemos uma descontextualização nos manuais de ensino de Infante (2001) e Cereja e Magalhães (2003) que sequer mencionam a preposição *em*. No entanto, Luft (1999), considerando a fala dos cidadãos, em seu manual,

refere-se a essa preposição. Assim, podemos levantar a hipótese de que a preposição *a* possa desaparecer, já que até mesmo os falantes cultos a estão substituindo por *para* ou *em*, em posição de concorrência.

Conclusão

Ao relacionarmos estatisticamente as variáveis, percebemos que o emprego das preposições com o verbo *ir* de movimento é condicionado muito mais por forças linguísticas que por forças extralinguísticas. Somente para a preposição *em*, encontramos um fator social (a idade dos falantes) como estatisticamente relevante. Desse modo, verificamos que essa preposição, por ser mais usada por falantes mais jovens, encontra-se em processo de ascensão, no que diz respeito à quantidade de uso. Constatamos também que o fator *maior permanência no local indicado pelo verbo ir de movimento* condiciona o uso de *para* e que as preposições *a* e *em* têm uma maior probabilidade de uso quando o verbo indica *menor permanência no lugar*. Finalmente, verificamos que, quando a situação informada pelo verbo ocorre no pretérito, há uma maior probabilidade de uso da preposição *a*.

Os resultados apresentados nesta e em outras pesquisas nos instigaram a refletir sobre as informações contidas em alguns manuais didáticos, constatando a lacuna deixada pelo ensino, que desconsidera a linguagem em uso, prescrevendo uma língua artificializada, pois constatamos que, mesmo os falantes cultos de Fortaleza - CE transgridem as normas prescritas pela gramática, instituindo uma norma social, muitas vezes, desconsiderada totalmente pela escola. Sobre esse assunto, Costa (2003, p. 1) relata que

as regras da regência verbal determinadas pela gramática prescritiva parecem estar caindo em desuso na comunidade linguística do Brasil, especialmente na fala. (...). É possível, portanto, no que tange à regência verbal, considerar a possibilidade de aquilo ditado pela gramática estar sofrendo variação (...) ou até estar caminhando para uma mudança.

Considerando que o *corpus* utilizado nesta pesquisa foi construído em 1991-1992 e que já se passaram mais de 20 anos de sua constituição, acreditamos que os resultados possam ter se modificado e que, comparando-os com um *corpus* mais atual, poderíamos encontrar, por exemplo, um número muito maior de ocorrências da preposição *em*, mudança que prevemos na análise dos dados.

Referências

CAMACHO, Roberto Gomes. Sociolinguística. In: MUSSALIN, Fernanda. & BENTES, Anna. Christina. (orgs.). *Introdução à linguística: domínios e fronteiras*. 2ª edição, São Paulo: Cortez, 2001, pp. 49-75.

CEREJA, William Roberto; MAGALHÃES, Thereza. Cochar. *Português: Linguagens*. Volume único. São Paulo: Atual, 2003.

COSTA, Sheyla Patrícia Trindade da Silva. *Regência dos verbos ir, chegar, vir e voltar, indicativos de movimento: prescrição e uso*. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2003.

EUGÊNIO, Keli Cristiane. A (in)transitividade do verbo ir de movimento. In: *Anais do II Encontro Nacional do GELCO*. Vol. III, fev. / 2004. Disponível em: <http://www.unb.br/gelco/publ/II_encontro/volume3.pdf>. Acesso em: 02/11/2007.

GIVÓN, Talmy. Isomorphism in the grammatical code: cognitive and biological considerations. In: SIMONE, Raffaele. *Iconicity in Language*. Philadelphia: Benjamins Publishing Company, 1994.

INFANTE, Ulisses. *Curso de gramática aplicada aos textos*. São Paulo: Scipione, 2001.

LABOV, William. Some Sociolinguistic Principles. In: PAULSTON, Christine Bratt; TUCKER, Richard (orgs.) *Sociolinguistics: The essential Readings*. Blackwell Publishing, 2003, pp. 234-250.

_____. *Padrões sociolinguísticos*. Trad. Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

LUFT, Celso Pedro. *Dicionário prático de regência verbal*. São Paulo: Ática, 1999.

MOLLICA, Maria Cecília. A regência variável do verbo *ir* de movimento. In: SILVA, Giselle Machline de Oliveira e; SCHERRE, Maria Marta Pereira. (orgs.) *Padrões sociolinguísticos: análise de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro: Departamento de Linguística e Filologia, UFRJ, 1996a, pp. 147-167.

_____. Influência dos fatores sociais sobre a regência variável do verbo *ir* de movimento. In: SILVA, Giselle Machline de Oliveira e.; SCHERRE, Maria Marta Pereira (orgs.) *Padrões sociolinguísticos: análise de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro: Departamento de Linguística e Filologia, UFRJ, 1996b, pp. 283-293.

MONTEIRO, José Lemos. *Corpus*. Disponível em: <<http://www.geocities.com/jolemos.geo>>. Acesso em: 17/10/2007.

NICOLA, José de. INFANTE, Ulisses. *Gramática contemporânea da língua portuguesa*. São Paulo: Scipione, 1997.

REIS, Marileia Silva dos. *Atos de fala não-declarativos de comando na expressão do imperativo: a dimensão estilística da variação sob um olhar funcionalista*. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003.

SILVA, Giselle Machline de Oliveira e. Variáveis sociais e perfil do *Corpus Censo*. In: SILVA, Giselle Machline de Oliveira e; SCHERRE, Maria Marta Pereira. (orgs.) *Padrões sociolinguísticos: análise de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro: Departamento de Linguística e Filologia, UFRJ, 1996, pp. 51-81.

VOTRE, Sebastião Josué. Orientações para uso do pacote VARBRUL. In: *Cadernos de Pesquisa no projeto VARSUL*, 1991.

WIEDEMER, Marcos Luiz. *A regência variável do verbo ir de movimento na fala de santa Catarina*. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.

Recebido: 27/03/2014
Aprovado: 08/05/2014